

DANTE DE LAYTANO E O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL

Moacyr Flores

Resumo

Este artigo examina os principais livros de história de Dante de Laytano, professor, jornalista, escritor e historiador que desenvolveu a pesquisa e o estudo da história do negro.

Palavras-chave: História Regional, História do Negro, Folclore.

Abstract

This article examines the principal books of history of Dante de Laytano, teacher, journalist, writer and historian that developed the research and the study of negro history.

Key words: Regional History, Negro History, Folklore.

É gratificante referir-me ao meu saudoso amigo e mestre Dante de Laytano. Fui seu aluno no curso de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e depois convidado como seu assistente para lecionar História da América, Folclore e História do Rio Grande do Sul, iniciando minha carreira de professor universitário. Dante entregou-me as turmas. Como catedrático não dava aulas; aparecia raramente para conversar com os alunos, mostrando sua erudição e bom humor. Eu “assinava o ponto” semanalmente em sua casa, em que ele, em conversas amenas noites adentro, ensinou-me onde estavam as fontes e quais as melhores bibliografias sobre história do Brasil e de nosso estado. Aprendi mais nessas conversas regadas com bom vinho do que em sala de aula, quando fui seu aluno.

Dante de Laytano nasceu em Porto Alegre, a 23 de março de 1908 e faleceu na mesma cidade, em 18 de fevereiro de 2000. Filho de José Laitano e de Maria Arone Laitano, naturais de Morano Callabro, na Magna Grécia, como costumava dizer. Vários

intelectuais da época usaram pseudônimo ou mudaram a grafia do nome. Dante Laitano passou a assinar suas crônicas e críticas de cinema com o nome modificado para Dante de Laytano.

Estudou no Instituto Ginásial Júlio de Castilho, de Porto Alegre, de 1918 a 1925, onde predominavam professores seguidores da doutrina de Augusto Comte. Bacharelou-se pela Faculdade Direito de Porto Alegre, em 1930, sendo nomeado juiz distrital da distante cidade de Torres. Ele contou que seguiu de barco pelo sistema lagunar até a laguna da Pinguela e depois viajou de carreta puxada a bois. Encontrou, no meio do caminho, outra carreta, que conduzia o juiz distrital que ele substituiria.

Mais tarde, Laytano foi transferido para Sobradinho. Ocupou o cargo de promotor público em Rio Pardo, Cachoeira do Sul, Santa Cruz do Sul e Quaraí. Exerceu a função de consultor jurídico da Secretaria da Agricultura em Porto Alegre, e foi, sucessivamente, chefe de Gabinete da Secretaria de Educação e Cultura, diretor do Museu Júlio de Castilhos e do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, e professor de História da PUCRS e da UFRGS.

Pertenceu a inúmeras instituições culturais, entre elas o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, a Academia Rio-Grandense de Letras e o Lion's Club, do qual foi diretor. Segundo costumava dizer, só era convidado para cargos não remunerados.

Quando estudante do curso de Direito, Laytano escreveu crítica cinematográfica na revista *A Máscara* e crônicas literárias em jornais, percorrendo os mesmos caminhos dos intelectuais de sua época, pois não havia curso de História no Rio Grande do Sul. Nessa fase, Laytano escreveu *Uma mulher e outras fatalidades*, de 1931, que ele fazia questão de ocultar, pois nas crônicas falava mal das mulheres em geral, por desabafo de uma desilusão amorosa.

Quando em visita ao museu Júlio de Castilhos, o diretor Eduardo Duarte mostrou-lhe alguns documentos, despertando o interesse de Laytano pela História. Mas só quando foi nomeado promotor público na cidade de Rio Pardo é que resolveu realizar pesquisa sobre o passado da cidade, abordando a construção do forte, a construção da cidade e o tratado de Madri, usando a documentação do arquivo local. Conforme contava, Laytano sentiu o contágio, a inspiração da terra e do lugar.

Em uma das muitas conversas que tivemos, Laytano contou que o professor Guerreiro Lima sempre lhe dizia para que fosse a arquivos, em busca de documentos para escrever história. Admirava também o trabalho de pesquisador de Aurélio Porto, que elaborava a história através de documentos. Admirador de Júlio de Castilhos e influenciado por professores positivistas, tanto no Colégio Júlio de Castilhos como na Faculdade de Direito, procurou um novo caminho com a pesquisa de folclore, à se-

melhança de Gilberto Freyre. Confesso que, pela convivência com Dante de Laytano, também sou um freqüentador de arquivos e museus, mas também tomei outros rumos, graças às leituras de Marc Bloch e de Fernand Braudel.

O livro *Monumentos históricos e artísticos de Rio Pardo*, publicado em 1932, representa a nova fase historiográfica de Laytano, que, na época, era sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Sua obra mais importante é *História da República Rio-Grandense*, editada em 1936, fruto de intensa pesquisa nos jornais da época farroupilha, caracterizando a atuação do Ministério da Guerra por considerá-lo mais importante na configuração estrutural da República. Utilizou, com propriedade, leis, decretos e artigos como instrumentos de pesquisa para elaborar a história política, social e econômica da Revolução Farroupilha, que ele considerou como pertencente ao ciclo revolucionário brasileiro. O livro apresenta dois momentos distintos. Na primeira parte, ele usa a teoria positivista para narrar os acontecimentos e na segunda parte, diferentemente dos historiadores positivistas, analisa o sistema jurídico, as relações econômicas e as instituições sociais.

A *História da República Rio-Grandense* é um livro básico para o estudo da Guerra Civil dos Farrapos, alinhando-se com a *História da Grande Revolução*, de Alfredo Varela, com o *Processo dos Farrapos*, anotado por Aurélio Porto, e com a *Guerra Civil no Rio Grande do Sul*, de Tristão Alencar Araripe. Assemelha-se a este por ter escrito sob a ótica de monarquista conservador.

Outro assunto pelo qual apaixonou-se foi o “folclore, como um substrato vivo, como uma decorrência da formação histórica”. Defendeu a tese de que as tradições populares do Rio Grande do Sul não eram platinas: existiam, nelas, raízes açorianas, indígenas e africanas. Escreveu numerosos artigos, jornais e revistas sobre o folclore, salientando a importância de “uma civilização eqüestre” na formação do Rio Grande do Sul, conforme afirmava Oliveira Viana. Seus conceitos de civilização, cultura e raça refletem as influências dos teóricos positivistas, mas, quando estuda a cultura negra em nosso estado, dirige seus passos para a *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre.

Dante de Laytano destaca-se como pioneiro na pesquisa sobre a sobrevivência de costumes africanos, numa época em que os intelectuais afirmavam que não havia influência do negro na cultura sul-rio-grandense, entre eles o crítico literário e historiador Moysés Vellinho.

Laytano sempre defendeu que o negro foi um injustiçado e que não era um elemento marginal como os historiadores de sua época gostavam de afirmar. Suas pesquisas partiam do pressuposto de que o negro teve um papel muito importante na formação da sociedade e da História do Rio Grande do Sul, contrariando, assim, a história dos grandes vultos criados pelos positivistas a

partir da obra de Thomas Carlyle, ou das citações racistas de Gobineau, que estavam em moda na década de 1930.

Em suas viagens pelo mundo, Laytano esteve em Angola, Moçambique e no Congo, onde complementou suas pesquisas sobre a cultura africana. Em sua biblioteca, possuía várias publicações em francês sobre as diferentes culturas da África Negra. Suas pesquisas sobre folclore do negro baseiam-se mais na história oral, pois o povo se expressa pela oralidade, como costumava dizer.

Em 1936 publicou *Os africanismo no dialeto gaúcho*, considerando os termos regionais do Rio Grande do Sul como sendo um *dialeto*, o que se entende por que, na época, dentro dos parâmetros positivistas, o gaúcho era considerado como uma raça, com cultura e dialeto próprios.¹

Laytano realizou levantamento em dicionários filológicos, escritos por intelectuais rio-grandenses, discordando da tese de Luiz Carlos de Moraes, que afirmava que “do africanismo, temos poucas recordações em nosso repertório lingüístico”, mostrando que a influência dos termos africanos é muito grande no português falado no Brasil.

Comparou a quantidade de vocábulos afros, num total de 5% nos termos gaúchos, com os cinco ou seis vocábulos alemães ou italianos. Laytano atribuiu esta diferença ao fato de serem os alemães e os italianos agentes ativos, enquanto os negros eram elementos passivos. O patuá do negro surgiu por causa do isolamento “das clãs”. O branco, para se comunicar com o escravo, precisou usar o patuá dos negros. Na época, ainda não havia uma história do cotidiano, capaz de resgatar a convivência do negro com a família do branco e nem o papel de agente cultural da mãe-preta, que educava e cuidava dos filhos dos senhores.

Os vocábulos coletados estão divididos em vocabularistas sul-rio-grandenses, palavras de origem africana, palavras com prosódia africana e palavras que parecem de origem africana. Em alguns vocábulos é colocada a etimologia.

Laytano apresentou, no II Congresso Afro-brasileiro da Bahia, a tese “O negro e o espírito guerreiro nas origens do Rio Grande do Sul”.²

Baseado em fontes bibliográficas e documentais, defendeu a tese de que o negro apareceu no pampa no mesmo instante da formação do Rio Grande do Sul, alimentando o espírito guerreiro

1 LAYTANO, Dante de. Os africanismos no dialeto gaúcho. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, ano XVI, II trimestre, 1936, p. 167-226.

2 LAYTANO, Dante de. O negro e o espírito guerreiro nas origens do Rio Grande do Sul. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, ano XVII, 1º trimestre, 1937. [Sep.] Porto Alegre: Globo, 1937.

do gaúcho e salvaguardando “os baluartes dos núcleos luso-brasileiros do sul do Brasil, mas, mesmo assim, o africano foi esquecido e renegado. O negro guerreou em nome de uma consciência ou inconsciência mística que sempre o guiou para a dor, para a morte e para a alegria”.

É muito importante o levantamento realizado por Laytano sobre a demografia dos negros, a partir de mapas estatísticos elaborados pelos vigários das freguesias. Reproduziu trechos de documentos sobre fuga, captura e castigo de escravos.

Citações de Comte e Spengler, ao longo do texto, revelam sua filiação doutrinária. O autor considerou as famílias dos latifundiários como clãs que dominavam o pampa. Pode-se afirmar que Laytano foi um dos primeiros a escrever sobre o papel do negro na história e na cultura no extremo sul do Brasil, precedido apenas por Apolinário Porto Alegre, que registrou palavras de origem banto faladas pelos sul-rio-grandenses.³

Em 1940, proferiu, no III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia, a conferência “Como Saint-Hilaire viu o negro no Rio Grande do Sul”, considerando que o viajante francês descreveu a realidade da sociedade sulista.⁴

Laytano tece comentários sobre as observações de Saint-Hilaire a respeito dos escravos da província, onde o negro seria “apreciado com suas forças morais, com o sentido psicológico de sua generosidade e afeição e, principalmente com aquela concepção de futuro que o torna superior ao índio”. Para Laytano, o negro subjugou-se ao europeu, mas dominou o indígena.⁵

Mais uma vez, encontramos a idéia dominante entre os intelectuais da época da supremacia de determinada raça em relação a outras.

Repete a afirmação de Saint-Hilaire, a de que não há insurreição escrava no Rio Grande do Sul porque o negro é subserviente. Laytano comenta que a população africana se distanciou da população luso-brasileira, embora o negro fosse a única massa humana das ruas e dos campos. Assim, a música, a religião e o trabalho atenuaram a vida do negro no habitat estranho. Resalta que o negro mina é superior na inteligência e no trabalho em relação aos demais grupos étnicos.

Mesmo no duro trabalho da charqueada, o consolo do negro era a religião com deuses amáveis e sensuais, ou as confrarias de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora dos Navegantes, de São José e de São Benedito.

3 PORTO ALEGRE, Apolinário. *Popularium Sul-Rio-Grandense*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004, p. 450-462.

4 LAYTANO, Dante. Como Saint-Hilaire viu o negro no Rio Grande do Sul. In: *Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia*. Porto Alegre: Globo, 1940, I volume, p. 15-35.

5 Ibidem, p. 20.

Afirmando que os escravos no Rio Grande do Sul tinham melhor alimentação, agasalho do poncho, exercício físico a cavalo e recebiam tratamento superior aos escravos do Nordeste, Laytano acha justa a observação do viajante francês sobre o tratamento dado aos escravos no Sul: “não há em todo o Brasil lugar onde os escravos sejam mais felizes”.⁶

Em 1945, Dante de Laytano realizou uma pesquisa de campo sobre a congada remanescente no município de Osório, considerando-a como dramatização de cenas reais africanas, transplantadas para o Brasil.

O livro, publicado no mesmo ano, inicia com o histórico do município Conceição do Arroio, nome antigo de Osório, e quantifica a demografia, comparando-a com outros locais, principalmente a população negra existente. Através do quadro da receita provincial, de 1835-45, Laytano analisa o significado da população de escravos por ser o imposto de meia sisa, que insidia sobre o escravo, a maior fonte de arrecadação do município. Esses dados são comparados com os impostos coletados em Rio Grande, Pelotas, São José do Norte, Jaguarão e Santo Antônio da Patrulha. Sua pesquisa é complementada pelo levantamento de termos africanos nos arroios (Pinguela) e nos topônimos (Quilombo e Caconde).

Laytano estabeleceu o tipo de trabalho em fábricas de farinha e de aguardente nas fazendas do século XIX, que ainda persistia como costume entre os negros, na época da coleta de dados.

De acordo com sua própria informação, Dante de Laytano aplicou a história oral para coligar dados sobre os componentes do grupo e para resgatar a origem. Utilizou uma história comparada com textos de outros autores, como Stenzel e Antônio Morais da Silva.

Neste resgate, cita que primitivamente havia dois grupos, o dos quicumbis, mais divertidos e que sabiam as toadas, formado por negros oriundos da África, e o dos maçambiques, constituídos por negros oriundos do Brasil. Na época da coleta, só existiam os maçambiques.

Laytano buscou em dicionários os significados dos termos africanos usados pelos negros de Osório, como puíta, tambor de tronco oco, e massaquaia, instrumento semelhante a pequeno balão com sementes dentro.

Registra, também, as toadas e descreve as evoluções dos dançantes, caracterizando a função de cada um, com o rei e a rainha, o coronel, o capitão e o alferes.

Laytano registra o fato folclórico da congada em Osório como uma manifestação da cultura africana, sincretizada com elementos da religião católica.

6 Ibidem, p. 26.

A publicação traz em anexo os versos e músicas recolhidos por Ênio de Freitas de Castro. Há, também, uma série de fotografias, que complementam os registros das evoluções, dos tipos humanos e da indumentária do grupo folclórico.

Outro estudo de Laytano, de uma tradição das populações afro-brasileiras, é o sobre a festa Nossa Senhora dos Navegantes, pesquisada em 2 de fevereiro de 1953, em Porto Alegre. A pesquisa foi apresentada no II Congresso Brasileiro de Folclore, em Curitiba, em 1953.

Inicialmente, buscou dados em fontes bibliográficas sobre a devoção religiosa à Nossa Senhora dos Navegantes, complementando com pesquisas em jornais sobre a festa popular, registrada sempre como se fosse de origem açoriana. Apesar de referir que a festa foi criada por um grupo de portugueses radicados na cidade, em 1871, Laytano continua insistindo que “a piedosa devoção tem suas raízes na própria fundação de Porto Alegre, estando ligada aos primeiros açorianos que aqui aportaram”.

Laytano historia a encomenda da imagem que representa Nossa Senhora dos Navegantes, as festas na Igreja de Menino Deus e sua transferência para a capela do loteamento, fundado pela viúva Margarida Teixeira Paiva, no atual bairro dos Navegantes. Laytano historia todas as festas, a partir dos registros em jornais.

Laytano destaca o aspecto católico na primeira parte da publicação. Na segunda parte, sob o título “Aspecto africano da festa popular”, apresenta uma listagem de terreiros, orixás, comidas de santos, cores simbólicas e festas em terreiros, num total de 37 páginas, sem explicações ou sem estabelecer relações com a festa popular de Nossa Senhora dos Navegantes. No final, há inúmeras fotografias dos tipos populares da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, sem legendas explicativas.

Dante de Laytano, quando diretor do Museu Júlio de Castilhos e professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresentou o trabalho “O negro no Rio Grande do Sul”, no Primeiro Seminário de Estudos Gaúchos, realizado de 3 de setembro a 4 de outubro de 1957, com uma torrente de informações sobre os mais variados temas.

O texto divide-se em duas partes. A primeira trata do aspecto demográfico, com dados coletados em diversos autores e em documentos do século XVIII, procurando demonstrar que os negros entraram no litoral do Rio Grande do Sul desde o início do povoamento dos Campos de Viamão e de Rio Grande.

Laytano reproduz o quadro com dados quantitativos de brancos, negros e índios, distribuídos por freguesias, elaborado pelo tenente Córdova em 1780, com vários quadros estatísticos do período colonial, do Império, até o censo de 1940, que quan-

tifica a população do Rio Grande do Sul em 3.330.689 habitantes, mas não analisa os dados e nem explica por que São Sepé (18,8%), Piratini (16,5%) e Lavras do Sul (16,4%) apresentam os maiores índices de negros sobre o total da população local.

A apresentação de quadros estatísticos da população não constitui uma história demográfica. De acordo com os historiadores positivistas, bastava apresentar os dados ou os documentos num arranjo cronológico para que a história estivesse pronta. No entanto, conforme Marc Bloch, a história só existe quando o historiador a elabora. Paul Veyne, atacando os positivistas, afirma que tudo é história; logo, a história não existe, isto é, não existe por si mesma. Com isso, o historiador precisa elaborar e reconstruir o passado.

Voltando ao texto de Laytano, a segunda parte, intitulada “Aspecto histórico”, apresenta uma narrativa influenciada por Gilberto Freyre, pois trata da cultura, do trabalho, do engajamento do negro no Exército, nos relatos dos viajantes sobre os escravos e livres. É importante lembrar que Laytano e Freyre trocavam correspondência e se encontraram algumas vezes, tanto no Nordeste quanto em Porto Alegre.

Laytano não caiu na armadilha da chamada cultura africana, idealizada por alguns intelectuais brasileiros. Baseado em leituras de uma vasta coleção de livros franceses sobre a África, Laytano classifica a cultura em três agrupamentos étnicos africanos: sudaneses, bantos e bantuides, como já fizera em publicação anterior.

Esclarece que os cultos em Porto Alegre se filiam às nações de origem nagô, gege e oió. Realizou uma pesquisa em Casas de Nação ou de Batuque, relacionando 29 casas de ritual nagô, 28 de gege e 15 de oió. Adverte que os negros freqüentadores dessas casas de culto geralmente não pertencem àquelas nações. Realiza, também, uma comparação com o trabalho de Raimundo Nina Rodrigues sobre negros na Bahia, reproduzido os dados publicados na segunda parte da obra, intitulada “Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Estudo de uma tradição das populações agro-brasileiras de Porto Alegre”.

Nota-se, nesse estudo, o aproveitamento de dados e assertivas contidos em publicações anteriores referentes a dados estatísticos, religiões afro-brasileiras, apontamentos de viajantes e lendas. De uma maneira geral, há uma descontinuidade entre os diferentes temas abordados, por falta de um fio condutor na narrativa, característica da escrita da história pelos autores que seguiam os princípios de análise do positivismo: sem crítica e sem conclusão.

Laytano não estudou a escravidão, e sim focalizou seus estudos na história vivida pelas comunidades negras, traçando uma nova perspectiva de pesquisa, que só irá se concretizar com os trabalhos de investigações históricas nos cursos de

pós-graduação. Seus registros de história oral e de consultas bibliográficas revelam uma percepção sobre a inserção do negro na cultura sul-rio-grandense, até então negada por vários autores de sua época.

Outro fator importante de seus trabalhos sobre a cultura negra é a relação essencial entre o passado e o presente, sem uma versão ideológica nem uma interpretação dos significados múltiplos dos fatos culturais levantados em suas investigações.

Para concluir, é importante ressaltar que um pesquisador, sem a formação de um curso de História, tenha preparado um caleidoscópio sobre a memória da cultura afro-brasileira, sendo um dos pioneiros a considerar importante a contribuição do negro à formação do Rio Grande do Sul.

Dante de Laytano sempre me incentivou e me ajudou nas pesquisas, mesmo sabendo que eu seguia uma trilha diferente e que criticava a história positivista, por estar engajado numa metodologia da História Nova, mais precisamente a de Fernand Braudel.

Laytano foi um mestre e um amigo de todos que com ele participaram da pesquisa sobre a contribuição da cultura negra no Rio Grande do Sul.

Bibliografia de Dante de Laytano sobre o negro

LAYTANO, Dante de. Os africanismos do dialeto gaúcho. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, ano 16, 2º trimestre, 1936, p. 167-226.

_____. Alguns aspectos da história do negro no Rio Grande do Sul. In: *Imagens da Terra Gaúcha*. Porto Alegre: Editora Cosmes, 1942.

_____. *As congadas do município de Osório*. Porto Alegre: Associação Rio-Grandense de Música, 1945.

_____. *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Estudo de uma tradição das populações agro-brasileiras de Porto Alegre*. Porto Alegre: Comissão Estadual de Folclore do RS, 1955.

_____. O negro e o espírito guerreiro nas origens do Rio Grande do Sul. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, ano 17, 1º trimestre, 1937, p. 3-25.

_____. O negro no Rio Grande do Sul. In: *Anais do Primeiro Seminário de Estudos Gaúchos*. Porto Alegre: PUCRS, 1957, p. 27-106.

_____. O negro rio-grandense na obra de Saint-Hilaire. In: *Anais do 3º Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia*. Porto Alegre, Federação, 1940.

_____. República do Haiti. Impressões de uma viagem ao país de negros franceses. [Separata] da *Revista Estudos*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1948.

Moacyr Flores (1935) é natural de Porto Alegre (RS). Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), é mestre e doutor em História pela mesma instituição e tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil. Também possui especialização em Cultura Espanhola nos séculos XVIII e XIX. Participou de vários congressos e publicou diversos artigos em jornais e revistas.

Algumas publicações do autor

FLORES, Moacyr. *Dicionário de História do Brasil*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FLORES, Moacyr. *Dicionário de tropeirismo*. Porto Alegre: EST, 2006.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. 8. ed. Porto Alegre: EDIPLAT, 2006.

FLORES, Moacyr. *Negros na Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: EST, 2004.

FLORES, Moacyr. *República rio-grandense: realidade e utopia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.